

O Congresso bombardeado

Wagner Teixeira

* 6 OUT 1993

Com um certo exagero na analogia, pode-se dizer, sem medo de errar, que o Congresso brasileiro sofre um violento bombardeio de forças retrógradas e de cidadãos estouvados, assim como na Rússia. Descontado o morticínio infligido pelas tropas fiéis a Boris Yeltsin aos que tentaram resistir por menos de 12 horas, o efeito desmoralizador é semelhante. E dá até para acreditar na teoria de Carl Jung quanto à sincronicidade. Ou seja, dois fatos acontecendo ao mesmo tempo, em pontos diferentes, com uma evidente relação que aos atilados analistas cabe interpretar.

Os fatos registrados na Rússia continuam em pauta e muito pouco há a dizer, visto que todas as versões são de fontes norte-americanas e européias interessadas no sepultamento definitivo da União Soviética e no reforço das posições ditatoriais de Yeltsin. Este, aos poucos, e quem sabe inconscientemente, segue a mesma trilha do cruel Stalin. Se o leitor acha que a comparação é descabida, comece a observar as primeiras medidas tomadas por Yeltsin após o bombardeio do Congresso: censura aos meios de comunicação; toque de recolher; proibição das atividades de 16 partidos políticos etc.

E o que é que isso tudo tem a ver com o Brasil? Muito. Com a diferença de que a agressão ao Congresso brasileiro vem de seus próprios membros, alguns deles com atitudes que vão da simples baderna de jeito adolescente até a transferência financiada para outras legendas partidárias. E tal fenômeno negativo ocorre num momento em que parece grassar no mundo uma epidemia autoritária, cujos sintomas são, entre outros, a proclamação de que só o Executivo importa, pois os parlamentos são notoriamente ineficazes.

Assim, quando apontaram os canhões para o Congresso russo os milicianos de Yeltsin nada mais fizeram do que traduzir no gesto agressivo e letal o solene desprezo que muitos cidadãos dedicam à representação popu-

lar — pedra de toque basilar do regime democrático.

Os parlamentares que desafiaram a mesa do Congresso brasileiro agrediram com palavras o equilibrado senador Humberto Lucena; aquele outro que arrancou os fios do microfone e todos quanto compuseram a vergonhosa atoarda constituem-se em uma espécie de quinta-coluna infiltrada no Parlamento brasileiro, para minar suas bases e condenar a instituição ao apróbro definitivo. É possível que não desejassem este resultado, mas ficou patente que contribuíram, de maneira brutal, para expor toda a classe política ao pelourinho da opinião pública.

Será muito justo se o povo prestar atenção a alguns fatos, relacionados aos parlamentares que fizeram do plenário uma praça de guerra, e àqueles que mercadejam seus mandatos por 30 ou 50 mil dólares. Muito certamente, nenhum deles tem qualquer registro de combate político ou risco de vida, para questões ideológicas, em suas folhas de serviços. São, de modo geral, deputados de primeiro ou segundo mandato, inquietos com a perspectiva de uma não reeleição pelos caminhos normais dos votos depositados nas urnas. Inseguros, só lhes resta a truculência, que já exerceram algum dia, talvez como estudantes, talvez como servidores de governos militares, quando se acostumaram aos convincentes argumentos do poder da repressão.

De qualquer maneira, não há porque falsos guardiães da moralidade pensem em cuidar do assunto com seus remédios totalitários. O Congresso sabe como lidar com os baderneiros, aos quais cabe ampla e irrestrita defesa. Excessos cometidos por deputados não de ser corrigidos por outros deputados, mais serenos e mais experientes.

Não há, portanto, qualquer necessidade de bedéis improvisados ou brigadas punitivas. O regimento que disciplina o funcionamento do Congresso prevê todas as sanções cabíveis. Tudo dentro da normalidade e sem ferimento grave à ordem democrática.